

Casas de Pasto: Presença na Proto- História do Turismo no Rio Grande do Sul

Revista Rosa dos Ventos

6(2) 307-320, abr-jun, 2014

© O(s) Autor(es) 2014

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Flávia Carvalho Machado¹

RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar a presença das Casas de Pasto no Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul, para, a seguir, identificar as mudanças ocorridas nesses estabelecimentos em função das necessidades encontradas pelos viajantes, nesse caso, o tropeiro. A pesquisa realizada baseou-se na História Oral, incluído entrevistas e pesquisa documental. O aqui apresentado destaca a revisão bibliográfica sobre o tema Casas de Pasto e Tropeirismo, a fim de contextualizá-los na história do Rio Grande do Sul e do Turismo. A pesquisa apontou que as Casas de Pasto, em Portugal, onde teriam se originado, ofereciam refeições. No Brasil, elas sofreram alterações nos serviços, variando entre refeições, meios de hospedagem, botequins, armazéns e entrepostos, entre outros. No entanto, essas variações atendiam as necessidades de cada região e, enquanto meio de hospedagem e local para refeições, a Casa de Pasto significou uma importante contribuição, incluindo-se no que poderia ser apresentado como uma proto-história dos restaurantes e hotéis e, portanto, do Turismo.

Palavras-chave: Turismo.
História do Turismo.
Tropeirismo. Casas de Pasto.

ABSTRACT

'Casas de Pasto' and the Proto-History of Tourism in Rio Grande do Sul, Brazil - The article aims to analyze the presence of the 'Casas de Pasto' in Brazil, especially in Rio Grande do Sul, and to identify the changes in these business establishments in their relations with travelers, in that case, the drover. The method of the investigation was the Oral

¹ **Flávia Carvalho Machada** - Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: fc.machado@yahoo.com.br

History that includes the interviews, bibliographic studies and documentary items. This paper emphasizes the literature review on the topic of Casa de Pasto and Tropeirismo contextualized in the tourism system in the region in Rio Grande do Sul. The study indicates that the 'Casas de Pasto' originated in Portugal, where they used to offer meals. In Brazil, they changed services and they offered meals, lodging facilities, taverns, warehouses and stores, among others, specific to each region. 'Casa de Pasto' was an important contribution in what could be presented as a proto-history of the restaurants, the hotels and Tourism.

Keywords: Tourism. Tourism History. Drover System. Casas de Pasto. Rio Grande do Sul, Brazil.

INTRODUÇÃO

O Turismo, nas suas práticas e teorizações, mostra-se como um fenômeno complexo, pois tanto seu campo de estudo como o de atuação exigem interrelações entre diferentes áreas do conhecimento, para que o seu propósito seja desenvolvido plenamente. Beni (1998), buscando sintetizar tal problemática, escreve que "a conceituação do Turismo não pode ficar limitada a uma simples definição, pois que este fenômeno ocorre em distintos campos de estudo, em que é explicado conforme diferentes correntes de pensamento, e verificado em contextos vários da realidade social" (p. 40). Outra forma de aproximação ao fenômeno seria destacar alguns dos elementos fundamentais para que o Turismo se realize: Objeto do Turismo, Sujeito do Turismo, Temporalidade, Permanência fora do domicílio e Viagem ou Deslocamento.

O Objeto do Turismo "é o elemento concreto do fenômeno [que] traduz-se no equipamento receptivo e no fornecimento dos serviços para a satisfação das necessidades do turista, que se denomina Empresa do Turismo" (*Idem*, p.39). Nela são produzidos, preparados e distribuídos os bens e serviços turísticos. Por bem turístico entendem-se os "elementos subjetivos e objetivos ao nosso dispor, dotados de apropriabilidade, passíveis de receber um valor econômico" (*Ibidem*), que podem ser materiais, como monumentos históricos; ou imateriais, a exemplo da paisagem; duráveis, como o artesanato, dentre outros. Os elementos subjetivos são aqueles bens não apropriáveis, mas que são cada vez mais valorizados, inclusive economicamente como, por exemplo, as belezas naturais e o ar puro. Para Acerenza (2002), os serviços turísticos são entendidos como subconjuntos "dentro desse grande conjunto denominado Turismo" (p.196), identificando-os como:

- a. Os transportes, em todas as suas formas;
- b. O alojamento, também em todas as suas formas;
- c. Os serviços de alimentação, em toda a sua gama;
- d. Os centros de lazer e de diversão;
- e. Os estabelecimentos comerciais relacionados;
- f. Os serviços complementares, tais como agências de viagens, guias de turismo, empresas que alugam automóveis, etc (Acerenza, 2002, p. 196).

O Sujeito do Turismo é o turista, a razão principal para que o Turismo exista e em torno do qual todo o processo se desenvolve. A Temporalidade diz respeito à viagem e a permanência do turista ou viajante num local ou destino que não o da sua residência, configurados nos "dois primeiros elementos característicos, mas [que] resultam insuficientes para configurar o fenômeno" (Beni, 1998, p.39). Permanência fora do Domicílio está relacionada com a viagem e a duração dessa permanência a um destino, o que caracteriza a classificação do fluxo de turistas. Finalmente, a Viagem ou Deslocamento é o "deslocamento de ida e volta" (*Idem*, p.38), que também faz com que o Turismo exista.

A pesquisa, para atender aos objetivos de caráter exploratório e justificar a tomada do Turismo em sua proto-história, recorreu a Beni (1998) e Acerenza (2002). Esta compreensão do fenômeno turístico é necessária para entender como alguns elementos presentes, anteriores ao século XX, podem ser interpretados como requisitos prévios ao que veio a se constituir como Turismo no Rio Grande do Sul. No entanto, essas informações se constituem como parte de uma história pontuando sobre como o Turismo foi se constituindo na região. Busca-se, aqui, aproximar dois fenômenos sócio, econômicos e culturais, como interligados: o Tropeirismo e as Casas de Pasto. Enquanto as Casas de Pasto foram estabelecimentos que prestavam acolhimento aos viajantes e seus animais, ao longo dos caminhos percorridos pelo Tropeirismo, os tropeiros foram os usuários que, ao que tudo indica, permitiram o surgimento e manutenção destes estabelecimentos. A contextualização histórica do Tropeirismo se deu com Barroso (2006), Assupção (2006) e Silva (2009).

O uso da revisão bibliográfica foi aplicado porque se recorre a autores que abordaram o tema, porém, agora contextualizados dentro de um novo enfoque e com recorte específico. Neste caso, para a análise das Casas de Pasto, utilizam-se Carvalho (2011), Mollet (2010), Müller (2004 e 2010), Oliveira (2010), Dall'Alba (et al, 1997). Na verdade, “a bibliografia pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” (Manzo, 1971, p.32, citado por Lakatos & Marconi, 2009, p.185). Com isso, permite-se um reforço paralelo na análise das pesquisas ou na manipulação das informações.

O TROPEIRISMO

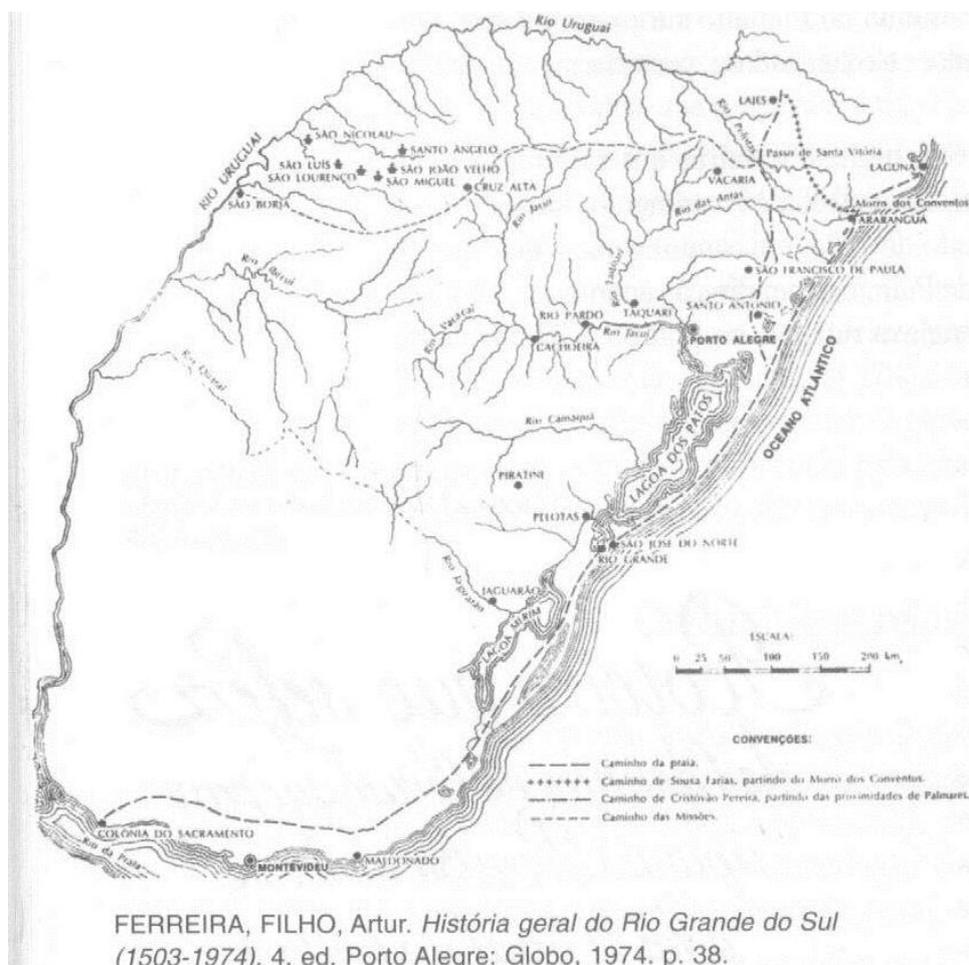
Na primeira metade do século XIX, viajar pelo que viria a se constituir no Estado do Rio Grande do Sul, região localizada no extremo sul do Brasil, junto à fronteira com Argentina e Uruguai, era tarefa árdua, visto que os assim denominados ‘caminhos’, além de serem em números reduzidos, não passavam de improvisações de estradas. A maior parte deles percorria campo aberto, seguindo trilhas já demarcadas pelas rodas de outros carroções, e desviando o máximo possível das matas fechadas. Quando impossível desviar, o caminho era aberto na mata o suficiente para permitir a passagem de pessoas a pé ou montadas em animais. O uso de carroças, por exemplo, tornava o percurso mais difícil, pois as mesmas necessitavam de caminhos largos por onde passar; a passagem pela picada aberta exigia a sua desmontagem e remontagem após a travessia, tornando o percurso mais longo e demorado. O mesmo acontecia na transposição de rios. A falta de pontes também dificultava a viagem, visto que era necessário buscar um percurso vadeável, o uso de canoas, quando disponíveis, encontravam-se em pontos estratégicos. Mesmo um pequeno riacho tornava-se intransponível após uma chuva intensa².

Para vencer essas barreiras, os tropeiros abriram vários caminhos no Sul do Brasil. Em 1727 haveria o Caminho dos Conventos, depois Caminho de Viamão ou de Cristovão Pereira de Abreu, “visto atribuírem a ele as obras de sua abertura, via Guarda Velha de Viamão, em direção à Serra” (Barroso, 2006, p.172). Por ali transitavam mulas carregando mercadorias entre o norte argentino, litoral uruguaio, capitânicas do sul do Brasil e a Feira de Sorocaba. A partir de 1734 é aberto o Caminho do Sertão, por Cristovão Pereira de Abreu, “a partir dos

² As dificuldades exemplificadas foram relatadas por vários viajantes que percorreram o Estado, principalmente no século XIX, como, por exemplo, em diários de viagem, como nos casos Auguste de Saint-Hilaire e de Alexandre Baguet.

Campos de Viamão, onde foi instalado o Registro da Guarda Velha, também chamado de Registro da Patrulha. Tratava-se de um Caminho do Planalto sul-riograndense.” (Barroso, 2006, p.181). Esse caminho evitava o litoral e suas barreiras: Palmares, Campos de Viamão, Rio Rolante/Santo Antonio da Patrulha, São Francisco de Paula/Bom Jesus, Lages, Curitibanos, Campo da Lapa, Campos Gerais de Curitiba e Sorocada. A figura 1 demonstra alguns desses caminhos abertos pelos tropeiros:

Figura 1: Os primeiros caminhos pelo Rio Grande do Sul.



Fonte: Ferreira Filho, 1974, p.38.

As estradas eram, portanto, um problema recorrente para os viajantes. Esse foi um dos fatores que fez com que a região sul encontrasse dificuldades de integração com o restante do país. A esse problema associavam-se: a sua distância com o centro econômico; a falta de produção de gêneros tropicais e as dificuldades de acesso por terra e mar (apesar deste último ser mais utilizado para o escoamento da produção e, por consequência, trazer um maior desenvolvimento econômico e social para as regiões que tinham o acesso a ele, a exemplo das charqueadas, na região de Pelotas). Por terra, as estradas eram precárias; a ligação por mar, numa costa retilínea e de pouca profundidade, era proibitiva. “Qualquer que fosse o produto econômico oferecido pela região, encontraria um obstáculo, o transporte” (Assumpção, 2006, p. 189). Dada essas condições, Silva (2009) traz uma reflexão do fenômeno que se formava na região platina:

Eram tempos em que as fronteiras oscilavam, movendo-se ao ritmo das disputas territoriais dos impérios ultramarinos de Portugal e Espanha. Também naqueles tempos, como nos dias atuais, homens circulavam, com seus objetos e suas ideias, nas amplas áreas da região platina. Mas o faziam de modo inteiramente distinto. Cruzavam as campanhas, as planícies litorâneas, a serra e os Campos de Cima da Serra, atravessavam pradarias, serrados e planaltos. Deslocavam-se sobre o lombo de cavalos e mulas, conduzindo rebanhos de gado bovino, muar, ovino, suíno e equino, entre outros. Transportavam toda a sorte de mercadorias destinadas a suprir as necessidades de regiões localizadas a centenas de quilômetros. E, ao fazê-lo, acabavam por construir novas paisagens por onde passavam e estabeleciam caminhos, permeados por estruturas de apoio às suas lides. O conjunto dessas atividades de deslocamento e transporte de mercadorias é regularmente conhecido como tropeirismo, dado o caráter de formação de tropas e tropilhas de animais que ora apresentavam-se como meio de transporte, ora como a própria mercadoria a ser conduzida (p.29).

Esse conjunto de atividades, conhecido como Tropeirismo, acaba por formar uma cadeia econômica contínua, que não tem seu término, quando da entrega dos animais ao seu destino. Pelo contrário, a atividade envolve um ciclo no seu ato de ir e vir, no buscar e entregar as mercadorias, que acabava por criar fixos e fluxos econômicos, sociais e culturais por um amplo território. Nesse ato de ir e vir, o Tropeirismo acaba por criar e/ou constituir caminhos, ligando a região sul ao centro do país, definitivamente e de maneira consistente. Pontos estratégicos para descanso e invernadas atraíam autoridades coloniais, interessadas em recolher impostos. Esses locais, por sua vez, acabavam por atrair pessoas interessadas na troca e/ou venda de mercadorias, que se fixavam formando pequenas nucleações, algumas delas, dando início a futuras cidades. Criava-se um círculo virtuosos, em que a atividade fiscal e a fixação ao território seriam um item, numa malha muito complexa de desdobramentos econômicos, sociais, culturais e, por que não, históricos.

Os tropeiros, portanto, constituíram caminhos, alguns deles consolidados até hoje. Foi fator importante na integração ao Brasil dos territórios meridionais, assim como movimentou e promoveu a economia. Entretanto, não se pode desconhecer que os tropeiros, em suas andanças, também demandavam serviços. Empórios, alimentação e pernoite, utilizados por homens e animais, criaram uma estrutura bastante presente e importante na época. Entre essas estruturas estavam as estalagens e albergues, em alguns casos, inclusive, denominados como *Casas de Pasto*: “O ir e vir de tropas foi promovendo, por onde estas tropas transitavam, através de um verdadeiro corredor por elas articulado, uma dinâmica de relação humanas que deitaram raízes socioculturais definidoras de sua raiz tropeira” (Barroso, 2006, p. 173).

Na virada do século XIX para o XX (principalmente a partir da década de 1930), a atividade tropeira foi se extinguindo por inúmeras razões: com a expansão da criação de gado para outros estados e, conseqüentemente, maior consumo de carne fresca (em Mato Grosso, por exemplo); com a chegada das carretas, e depois, dos caminhões; término das charqueadas. Por sua vez, as charqueadas começaram a perder espaço competitivo para as empresas saladeiris do Uruguai, que se modernizaram, enquanto as do sul do Brasil não o fizeram (Pesavento, 1992); perderam espaço com o fim da escravidão (o charque era o principal alimento do escravo); e, com o surgimento de frigoríficos, com a expansão do gado para outros estados; surgimento da refrigeração...

AS CASAS DE PASTO

De origem portuguesa, nas definições lexicais, o *Dicionário Brasileiro Globo* apresenta o termo Casa de Pasto como sendo *espécie de estalagem; restaurante*; o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*³ o apresenta como *estabelecimento moderno onde se servem comidas*; o *Lextec-Léxico Técnico do Português*⁴ traz a definição de *restaurante tradicional, pequeno e de ambiente familiar, onde se serve comida caseira*. Carvalho (2005, p.3) traz uma definição de 1928, que diz: *estabelecimento onde se serve de comer*⁵. Como a presente pesquisa procura demonstrar, no Rio Grande do Sul as casas de pasto estiveram mais próximas da primeira definição, pois se trata de estabelecimentos que ofereciam alimentação e hospedagem, não apenas para os viajantes, mas também para seus animais.

A produção acadêmica e literária traz algumas informações sobre definições, origem e a existência das casas de pasto no Brasil. Carvalho (2005) fez um importante resgate das casas de pasto em Curitiba. Sua dissertação, “Das Casas de Pasto aos Restaurantes: os sabores da Velha Curitiba (1890-1940)” traz o histórico das mesmas e dos restaurantes existentes no período, na cidade, utilizando como fonte principal os jornais da época. O pesquisador procurou contextualizá-las historicamente e as categorizar, além de realizar um resgate dos alimentos oferecidos e produzidos pelos estabelecimentos, dentre outras ações. Carvalho afirma que a Casa de Pasto é de “origem genuinamente portuguesa” (p.12) e, citando Isabel Drummond Braga, explica que a primeira teria sido aberta ao público em Lisboa, no século XIX, propriedade de João da Mata. Por sua vez, a origem das Casas de Pasto estaria nas tavernas, que serviam pratos diversos como “saladas (de salsichão e pés de carneiro), croquetes com molho branco, *tabliers de sapeur* (dobradinha), *cervelle de canut* (queijo muito forte), regados com vinho *beaujolais*...” (Pitte, 1998, p. 758, citado por Carvalho, 2005, p. 14, grifo da autora).

Foi na oferta de pratos que os restaurantes se distanciaram, no século XIX, ao oferecer um cardápio com pratos majestosos no contexto de um turismo de luxo, que se desenvolvia em paralelo ao avanço dos transportes, cada vez mais rápidos, disseminando, assim, o termo restaurante que substituiu, inclusive, em alguns lugares, o termo Casa de Pasto. Essa modalidade de estabelecimento é transplantada pelo Brasil, onde seu desenho irá variar conforme a região. No Rio Grande do Sul, estudando a cidade de Pelotas, Müller e Hallal (2004, p.8) trazem uma definição de Casa de Pasto, em nota de rodapé, utilizada por Belchior e Poyares (1987, p.43), que, por sua vez, citam Moraes e Silva (1798): “Casa de pasto: ‘local em que cada um come por seu dinheiro’; ‘comer a pasto é comer a fartar por um preço certo por cada pasto e não pedindo um tanto de cada coisa’”. No mesmo artigo, as autoras, ao analisar a hospitalidade de Pelotas no século XIX e século XX trazem anúncios comerciais de hotéis, veiculados em jornais da época, inclusive de estabelecimentos que ofereciam, ao mesmo tempo, Casas de Pasto e hospedagem. Observe-se que os proprietários denominam seus estabelecimentos como “hotel”, para elevar a qualificação e categoria dos serviços.

Em Porto Alegre também há informações sobre a existência de Casas de Pasto na cidade. Flores, ao falar da vida cultural da sociedade porto-alegrense, cita a profissão de afinador de piano, presente em uma Casa de Pasto, com anúncio em jornal: “Na casa de Pasto Alemã há quem conserte e afine pianos por módicos preços. Quem disto precisar dirija-se à mesma casa

³ Dicionário *online*, disponível em: <http://www.priberam.pt>. Acesso em 24 Abr. 2011.

⁴ O Lextec-Léxico Técnico do Português *online* encontra-se no endereço eletrônico: <<http://www.instituto-camoes.pt/lextec/inicio.html>> Acesso em: 24 Abr. 2011.

⁵ In: SÉQUIER, J. de. Dicionário Prático Ilustrado: novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro. 2^a ed. revista. Porto: Lello & Irmão, L.^{da}, Editores, 1928. 1780 p.; p. 844.

de pasto a tratar com o anunciante” (*O Constitucional Rio-Grandense*, 03.06.1829, p.4 citado por Flores, 2002, p. 203).

Na dissertação intitulada *A hotelaria em Pelotas e sua relação com o desenvolvimento da região: 1843 a 1928*, Dalila Müller faz o levantamento de hotéis existentes no período referido e sua relação com o desenvolvimento econômico e social de Pelotas. Segundo a autora:

No período estudado a hospedagem se dava tanto de forma gratuita quanto comercialmente. A hospedagem gratuita era realizada nas charqueadas e nas casas urbanas, principalmente da população mais rica. Os hotéis eram meios de hospedagem comercial que faziam parte do cotidiano da cidade de Pelotas, juntamente com *casas de pasto*, hospedarias, estalagens, pensões e, em restaurantes, que, entre suas atividades adicionais forneciam a hospedagem. Estas modalidades, hospedagem gratuita e comercial, coexistiram durante todo o período estudado. *As casas de pasto, os restaurantes e as pensões, muitas vezes foram embriões dos futuros hotéis da cidade* (Müller, 2004, p. 66, grifo meu).

Essa citação sugere um dos caminhos que as Casas de Pasto podem ter seguido: uma evolução para o hotel, não só no nome, mas também no significado da palavra. No entanto, Müller (2004), citando Belchior e Poyares (1987), observa que o termo hotel era utilizado para designar quatro tipos de negócios que se desenvolveram a partir da hospitalidade comercial, transcrito aqui o negócio que é de interesse para a presente argumentação:

a) casas de pasto ou estalagens que mantiveram como atividade principal o fornecimento de refeições, e, subsidiariamente alugavam quartos. Usavam o nome comercial de hotel e a eles propriamente cabe a observação de que em sua maioria não passavam de restaurantes, e até mesmo de cafés. Existem casos em que se diferenciavam o hotel da hospedaria, a exemplo do Hotel e Hospedaria do Porto, da Rua dos Ourives n.º 129, o que vem confirmar a estreita relação e a ampla confusão quanto ao conceito de hotel – casa de pasto (restaurante) – e de hotel – hospedaria e, sobretudo revela a presença atávica do primeiro conceito através dos anos; [...] (Müller, 2004, p. 67).

O termo hotel soma-se aos outros, usados para definir o tipo de hospedagem oferecido (estalagem, albergue, pousada, taverna, etc.) e que igualmente causam confusão quando se procura pesquisar esse tipo de estabelecimento em tempos passados. Na Europa, o hotel foi ‘inventado’ no final do século XVIII, sendo que antes de 1790 o termo francês para ‘hotel’ seria designativo de domicílio urbano rico. Os viajantes que pretendessem percorrer a Europa não encontrariam um estabelecimento adequado para hospedagem, sendo obrigados a se abrigar naquilo que lhes fosse oferecido. Com um pouco de sorte, e de dinheiro, alguns conseguiam se hospedar em castelos ou na casa de um pároco. No entanto, para a maioria dos viajantes lhe restavam os albergues, local que a princípio serviam de alojamento aos cavalos, e que ofereciam quartos onde dormiam várias pessoas, desconhecidas entre si e sem local para as suas necessidades (Boyer, 2003).

Voltando ao caso brasileiro e regional, então, é possível inferir que a atividade hoteleira teria percorrido, aqui, seus passos iniciais de maneira análoga ao que se dera na Europa, em tempos anteriores. Entretanto, se na Europa haveria termos de comparação, por já apresentar (talvez) estabelecimentos mais qualificados, no sul do Brasil as possibilidades de comparação seriam mais restritas, pois a precariedade envolveria tanto as Casas de Pasto como os autodenominados hotéis, pois tal categorização não seria necessariamente compartilhada pelos hóspedes. Alguns desses estabelecimentos deixavam a desejar em aspectos e requisitos dos serviços e de hospitalidade, como conforto, limpeza, segurança, respeito, etc. Alguns desses problemas encontrados pelo hóspede chegavam aos jornais, que publicavam os

descontentamentos, como na nota a seguir no jornal *Onze de Junho*, na edição de 18 de junho de 1882 (mantém-se a ortografia da época): “HOTEL PENNY. Aos proprietários d’este acreditado estabelecimento, pedem o obséquio de associarem á limpeza, asseio e ordem que tão rigorosamente têm sustentado, mais promptidão e regularidade no serviço, demasiadamente moroso. Alguns frequentadores”. Outras notas, como a anterior, citadas por Müller e Hallal (2004, pp. 12-13), registram os conflitos:

HOTEL CONSTANTE. Continuam a reproduzir-se os crimes e os escândalos no hotel Constante, situado no porto da cidade e para o qual por mais de uma vez temos chamado a atenção da polícia. ... Hontem as 11 horas da noite no porto da cidade no hotel Constante houve uma grande desordem, onde se disparam tiros, segundo nos consta. Affirmam que na calçada do referido hotel, em direcção ao cáes, há vestígios de sangue, e em maior quantidade em umas Lages perto da casa de negócio dos Srs. Eiras & C.. (Correio Mercantil, 04.07.1883).

Hotel que se paga e não se come No Hotel Universal, cobra-se 5\$000 adeantadamente aos hospedes. Põem á mesa um pão de dois vinténs, uma água com azeite, uma postinha de peixe podre e nada mais... O freguez que está com appetite pede, ainda por favor, uma pequena porção de batatas fritas e dizem que não tem. Quem serve ás mesas são suas meninas e a patroa. Trez freguezes e trez caixeiras e o freguez sahe sem comer. Sobremesas não tem. Café da manhã não se usa. As camas nesse hotel são uns catres, vulgarmente conhecidas camas de vento. O hotel tem porteiro, porem, os desesperados da sorte, em número de 10 ou 12, fazem do corredor um albergue nocturno. É um horror entrar nessa casa. Os proprietários não dormem no estabelecimento. Os hospedes são poucos e ali ficam assustados, com receio do que lhes possa acontecer no vae-vem dos noctívagos. Joaquim Vizeu de Sá Arthur Alves de Souza (D.P., 04.12.1912).

[...] o dr. Henrique Remassar Lopes, deu queixa contra Albino Ferreira, proprietário do Hotel Rio-Grandense, que o insultara (*O Rebate*, 24.06.1915).

Hotel? Não! Espelunca? Sim!... os artistas Affonso Fiachini e Manganotti Guido, este maestro e aquelle violinista da companhia de operetas que trabalha em um dos theatros desta cidade, os quaes por infelicidade hospedaram-se no Soi Disant Hotel Brasil, estabelecimento que, como se sabe, é tudo menos o que pretende ser. Aquelles estrangeiros passaram martyrios, ali, inclusive fome e frio... Com Raul Espinosa, violoncilista da mesma troupe, fallecido na Santa Casa, o hoteleiro sem entranhas procedeu igualmente de forma desumana. Estava o infeliz moribundo e, no próprio hospital, no leito do soffrimento, o hoteleiro mandou-lhe cobrar a conta ... Os cavalheiros que acima mencionamos, disseram-nos que teem viajado muito, teem percorrido inumeros hotéis, têm visto muita cousa, mas nunca, absolutamente nunca viram um hotel tão sujo, tão desorganizado, tão mal servido, com cosinha tão infame e commodos tão detestáveis como os do hotel Brasil... (*O Rebate*, 21.11.1918).

A falta de hospitalidade do dono, nos casos acima, acaba sendo refletida também nos serviços, de uma atividade que se inicia sem planejamento, treinamento, organização; uma atividade que tem no seu início uma forma espontânea de agir.

Outra referência à Casa de Pasto encontrada foi no artigo “Entre o trabalho e a correção: escravos e forras na cidade do Rio Grande (segunda metade do século XIX)”. Nele, Molet (2009) observa que a grande quantidade de trabalhadores (marinheiros, trabalhadores do cais, escravos, forros, operários de pequenas fábricas) que circulavam no centro e em especial, na área portuária, atraía inúmeras casas de negócio, principalmente voltadas para a diversão. Segundo a autora, em 1857, no local que hoje compreende a atual área central da cidade,

havia trinta e três tabernas, cinco botequins e três Casas de Pasto⁶. No Mercado Municipal de Rio Grande também havia Casas de Pasto, sendo que as mesmas teriam sido criadas por solicitação da Câmara. Em 1853, como as Casas seriam locais de constante desordem pública entre seus frequentadores, um fiscal teria intimado os proprietários a prestar esclarecimentos sobre os fatos ali ocorridos. Diante dessa situação, o locatário de quarto no Mercado, chamado Benito Marechal, em requerimento à Câmara, solicitou que seu estabelecimento continuasse aberto, pois, segundo ele, “sua casa de pasto era sossegada e de ‘boa ordem’ seria neste local que muitas quitandeiras e pescadores chegavam ‘quase sempre’” (Molet, 2009, p. 360)⁷. O proprietário do estabelecimento teve seu pedido atendido, não sendo notificado.

O artigo só faz referência aos quartos alugados, não fazendo menção sobre outro tipo de serviço oferecido pelas Casas de Pasto na cidade. No entanto, em outro artigo que analisa a presença negra (escravos, forros, e livres) em torno do porto em Rio Grande, chamado “Escravos, marinheiros, embarcações e pescadores negros no mundo atlântico de Rio Grande/RS (século XIX)”, também há referência à existência de Casas de Pasto no Mercado Público. As Casas de Pasto no Mercado Público, a partir de documentos encontrados na Câmara de Rio Grande, eram locais de concentração de todos os sujeitos (locais ou passageiros) que viviam em torno do porto. Nelas se serviam almoços, jantares e refeições rápidas. Na década de 1850, a Câmara tenta eliminar esses estabelecimentos, que segundo Oliveira (2009), eram chamados pejorativamente de ‘botequins’.

Essa informação vai ao encontro do que informa o artigo anterior, que já demonstrava descontentamento com as Casas de Pasto, por serem locais de desordem e confusão. No entanto, o mesmo artigo revela que vários proprietários requeriam a permanência das mesmas, pois nelas haveria ‘importância social’, já que eram locais de “abrigo aos pescadores e quitandeira que quase sempre (e algumas vezes corridas de tempo) chegam aos portões do mercado tiritando de frio sem casa aonde se possa recolher com os frutos de seus sacrifícios” (APMRG⁸, s/d, citado por Oliveira, 2009, p. 6). A preocupação com as casas de pasto em Rio Grande se dava pela alta concentração de negros urbanos, quitandeiras e pescadores nesses locais. Segundo o autor, as casas adquiriam significados muito próximos ao dos ‘zungus’ ou ‘casas de angu’⁹. Locais que o poder municipal procurava reprimir, pois eram “redutos que serviam de moradias ou local de refeição coletiva e para onde convergiam africanos, crioulos, libertos, homens e mulheres em busca de alimento, repouso, solidariedade, vida lúdica ou práticas religiosas” (Oliveira, 2009, p. 6 e 7).

⁶ A autora retirou as informações do APMRG – Arquivo da Prefeitura Municipal do Rio Grande. Documentos da Câmara Municipal, caixa 115. Ofício enviado à Câmara em 18/10/1853.

⁷ A autora faz certa confusão ao usar o termo “locatário”, mas diz que se tratava de seu dono. Optou-se por manter o que a fonte escrevera.

⁸ Arquivo da Prefeitura Municipal do Rio Grande. Documentos da Câmara Municipal, caixa 237. Remetido por Benito Marechal em 13/07/1853.

⁹ Para uma maior compreensão desses termos: “As casas de angu eram verdadeiros quilombos dentro das cidades, onde os negros faziam seus batuques, suas danças, reverenciavam seus orixás, inquices e voduns. Os Zungus formavam uma rede de apoio aos escravos fugidos e africanos recém-chegados, eram casas que recebiam escravos e libertos de todo o Brasil (muitos da Bahia, que trouxeram do Recôncavo sua cultura) e do mundo. Ali era o centro da cidade negra, a cidade escondida. Muitos zungus eram quitandas e moradias ao mesmo tempo. As ruas estreitas e casas com arquitetura diferente da atual criavam verdadeiros labirintos e becos escondidos e um zungu era um ótimo esconderijo”. Material extraído do texto “O que é zungu?”, da Escola Cultural Zungu Capoeira. Publicado em: 17 Out. 2007. Disponível em http://zungucapoeira.blogspot.com.br/2007/10/o-que-zungu_18.html. Acesso em: 08 Set. 2010.

Devido ao tempo e ao longo trabalho que se tornaria verificar e estudar a presença de Casas de Pasto em um número tão grande de cidades optou-se por deixar registrada algumas ocorrências no Estado, nas cidades de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, São Domingos do Sul, Vacaria e Veranópolis. Para se ter a dimensão sobre a sua presença na região da hoje Serra Gaúcha, cita-se a entrevista do Sr. Armindo Antônio Zen, concedida a Fernando Roveda, que fez um levantamento do maior conjunto arquitetônico da colonização italiana no Brasil, localizado em Antônio Prado. Na sua pesquisa incluiu entrevistas com os conhecedores da história das casas e das famílias que as construíram, fazendo parte do Projeto Memória Antônio Prado. Entre as entrevistas, está a já referida, realizada 12 de junho de 2007. Nela, o Sr. Armindo fala de várias casas de pouso para tropeiros que existiram entre Caxias do Sul e Antônio Prado, e entre Vacaria e Caxias do Sul. Ele chegou declarou ter conhecido alguns desses lugares, porque seu pai era tropeiro, e às vezes viajava com ele. Depois de adulto, virou carreteiro e passou a fazer o mesmo caminho do pai. Na entrevista ele faz referências a várias Casas de Pasto no percurso que realizava nas viagens, entre elas:

- Na região de Vacaria: Casa de Pouso Morandrin; Casa de Pouso Guazzeli; Casa de Pouso Geraldo Tergolina;
- Na entrada para São Paulino: Casa de Pouso João Paim, no Capão do Bugre;
- Na Vendilha do Mel: Casa de Pouso do Vergilio Zanotto;
- Na região de Antônio Prado Casa de Pouso Arquimedes Verdi, Casa de Pouso Joaquim Poli;
- Em Antônio Prado: Casa de Pouso do Golin;
- Em Flores da Cunha: Casa de Pouso do Montanari;
- Em Caxias do Sul: Casa de Pouso Doro Biazus.

Eram todas casas de pasto que tinham, na sua maioria, o nome em referência ao dono. Em Bento Gonçalves, no mesmo Estado, registrou-se a presença de Casas de Pasto entre 1893 e 1930. Os dados sobre os estabelecimentos e seus respectivos donos foram obtidos no livro “Da Colônia Dona Isabel ao Município de Bento Gonçalves 1875 a 1930”. Entre 1893 e 1930, 28 comerciantes abriram uma Casa de Pasto antes ou depois de variar seu tipo de serviço, com uma ou mais ofertas. As causas para a abertura e fechamento das Casas de Pasto e a variação de serviços são desconhecidas, até o presente momento da pesquisa.

Outra característica em comum das casas da região na época, comerciais ou não, era a cozinha. Ela era separada do resto da casa, feita de taipa, pedra bruta e barro, um hábito de construção que eles trouxeram da Itália. O chão era coberto por pedras e o fogão ‘*fogolaro*’, citado anteriormente, que era:

[...] um quadrado, um caixão de um metro, altura de uma tábua de 30 cm, cheio de terra e, em cima da terra, tijolos. Aí se acendia o fogo. Uma corrente pendurada no teto servia para segurar as panelas. Na cozinha havia também uma mesa com bancos. A pia (‘*seccer*’) era feita de uma tora de uns 25 centímetros de altura. Era escavada para que servisse de pia (Dall’alba et al, 1997, p. 71).

Havia também uma variação de fogão, feito de tijolos com chapa de ferro por cima. Os utensílios de cozinha também eram improvisados:

Existia uma panela especial para fazer sopa (“minestra”). Para o café tinham o “seminel” de cobre. Os baldes eram de madeira. Não existiam xícaras; usavam-se tigelas “scudele” de diversos tamanhos. Ocupavam a “mastela”, balde baixo, tipo gamela. [...] A panela da polenta era chamada de “brondo de la polenta” ou “calhera”; ou panela de sopa, “pinhata de la minestra”; a frigideira, “padela” (DALL’ALBA et al, 1997, p. 71).

Quanto à alimentação oferecida aos tropeiros, essa também acaba sendo pouco conhecida. Apesar de se desconhecer em parte essas refeições, pode-se supor que o que seria oferecido era composição das refeições dos primeiros imigrantes ao Rio Grande do Sul, no final do século XIX, a exemplo do que eram as casas. Segundo Dall’Alba (et al, 1997), alguns alimentos que faziam parte da refeição dos primeiros imigrantes eram a polenta, vários tipos de massa, sopa de feijão (minestra), café, pão, manteiga, salames, queijos, banha, toucinho, *radicci*¹⁰; a galinha podia ser preparada em diversos pratos (sopa, *a lessa*, a rosto, a milanese, frita, no forno...); os doces eram os biscoitos caseiros, *cuca*, *fregolá* ou *sfregola*¹¹, o *grostoli*¹², pé-de-moleque, *mandolatto*, pão-de-ló; os temperos utilizados eram a sálvia, o alecrim, o louro, a salsa, as cebolas. A carne era conservada numa ‘mascarola’, “móvel pequeno, pendurado, com telas finas, em que se guardava a carne por dois ou três dias, em lugar fresco e bem arejado. [...] O poço era a geladeira de então” (Dall’Alba, 1987, p. 73). As camas eram de madeira, com colchões feitos de saco preenchidos de palha de milho, já os travesseiros eram fronhas com enchimento de penas de galinha ou ganso.

Para concluir, entrando melhor no universo das Casas de Pasto, segue a transcrição de uma experiência de quem usufruiu de seus serviços, em um texto extraído do livro intitulado *Memórias de um imigrante italiano*, no capítulo intitulado “Uma noite passada numa ‘casa di pasto’ em Gauer Eck”. Embora longa, por sua importância, ela será mantida na íntegra:

Depois de um dia inteiro a cavalo, saindo de Dona Isabel¹³ pela estrada descrita, cheguei, mais morto que vivo, tarde da noite, à casa de Isaac Pan que, como já falei, tinha um albergue (pouso – com o aqui é chamado), na Linha Gauer Eck¹⁴. Acompanhavam-me um ótimo amigo e compadre, Alexandre Pasquali, empresário ou concessionário, por muitos anos, do transporte de malas postais.

Ao redor da casa, na entrada, viam-se, à claridade de um lampeão, colocado sobre a porta de ingresso, cerca de vinte carretas, todas carregadas com produtos coloniais e mercadorias e, em toda a parte, correntes, peitorais, balancins e outros apetrechos de que necessitam os carreteiros. Enquanto meu companheiro, mais prático, levava o seu e o meu cavalo para determinada estrebaria, entrei eu no salão, todo embarrado, com as pernas tão endurecidas, que a muito custo podia me movimentar. O salão principal era a ‘venda’, mas aquela noite terrível mais me pareceu estar entrando numa daquelas ‘bibocas’, que Ponson Du Terrail¹⁵ tão bem sabia descrever. Lá encontravam-se reunidos uns vinte carroceiros, é verdade que todos meus conhecidos, mas num pandemônio infernal. Uns pediam ao dono do albergue uma coisa, outros queriam outra, vários blasfemavam e quase todos tomavam seu bom vinho, ou pinga, que era a cachaça, etc. etc.

Ouvia-se a voz de um carroceiro, queixando-se por ter inutilizado sua melhor mula, a Gateada, outro não sabendo que direção havia tomado a sua mula Ruana; em resumo, vi-me no meio

¹⁰ Folhas verdes, semelhantes à rúcula.

¹¹ Bolo que inclui na receita amendoim, farinha de trigo e de fubá.

¹² Também conhecida como ‘Cueca Virada’ e ‘Orelha de Gato’.

¹³ Primeira nomeação dada ao município de Bento Gonçalves.

¹⁴ Região onde se localiza o atual município de São José do Sul (RS).

¹⁵ De acordo com o livro, da referida citação, Pierre Alexis Ponson Du Terrail foi um romancista francês (1829-1871) que escreveu folhetins de grande sucesso popular, e criador do personagem Rocambole.

daquelas caras patibulares, se bem que no íntimo fossem apenas bons e honestos jovens da nossa colônia, que me acolheram alegremente, fazendo suas bizarras exclamações. Eu ainda não tivera tempo de apresentar-me ao hoteleiro e pedir-lhe a reserva de um quatinho. Estava exausto e aflito para tirar as incômodas botas, repousar, descansando o resto da noite, lavar-me e arrumar-me.

Antes, porém, de ser introduzido numa salinha contígua, dei uma última vista d'olhos àquele vasto salão, cheio de selas, pelegos e ponchos, espalhados no chão, sobre o duro pavimento de tábuas, transformados em leitos para aqueles pobres carreteiros.

Pode-se dizer que suportavam aquele trabalho todo, em primeiro lugar, por serem moços, de sangue quente e, também, pela animação do álcool, que eram obrigados a tomar durante a viagem.

Sentamos em seguida, eu e meu bom companheiro, a uma simples mesa, onde a feijoada, a carne de porco, batatas e outros pratos, nunca faltavam e, como estávamos esfaimados como lobos, comemos a fartar, tomando um bom litro de vinho, que não era dos piores.

Depois de fumar nosso cigarrinho, pensamos logo em nos acomodar, por que era quase meia-noite, e estávamos deveras cansados.

Desgraçadamente, o infernal barulho não cessava; ao contrário, aumentava, gradativamente, à medida que iam chegando outras carretas ou da Colônia, ou de Montenegro, de onde haviam saído tarde.

Deitado numa agradável caminha, o compadre Pasquali, já habituado àquela vida, em seguida adormeceu; porém, para mim, foi tempo perdido tentar, pois tanto à meia-noite, como à uma ou às duas horas, foi um contínuo gritar, cantar, blasfemar, que desafio quem pudesse fechar os olhos e dormir.

Às três da madrugada, então, sendo a hora de irem ao potreiro reunir os animais, alimentá-los com feno, milho, e água, para prendê-los novamente às carretas, trabalho este que durava mais ou menos uma hora, o movimento e gritaria foram ainda maiores.

Finalmente, ao redor de quatro horas, acordei o meu companheiro, que admirou-se de minha pontualidade e de eu já estar acordado; pedimos ao hoteleiro, que já estava de pé, que mandasse aprontar nossos animais, tomamos uma xícara de café com um calicezinho de caninha e, em seguida, reencetamos nossa viagem para São João de Montenegro.

Esse percurso era de vinte quilômetros mais ou menos, tudo areia, onde os animais afundavam suas patas até o joelho e, se as estradas percorridas no meio do barro eram ruins, estas eram péssimas.

Eis, portanto, narrada em breves palavras, a vida a que deviam se sujeitar os donos dessas 'casas de pouso', naqueles primeiros anos; se ganhavam algum dinheiro, deviam levar essa vida de cachorro... (Lorenzoni, 1975, p. 149-151).

CONSIDERAÇÕES

As Casas de Pasto tiveram um importante papel para o desenvolvimento econômico e social onde se instalaram. É difícil estabelecer uma linha temporal exata, onde elas se fizeram presente, tanto no Rio Grande do Sul como no restante do país, assim como o seu desaparecimento. No entanto, é possível observar como os elementos desencadeadores trazidos na história do Rio Grande do Sul – centralmente – e, do Brasil – periféricamente – propiciaram para que surgissem as Casas de Pasto, bem como levaram a sua supressão; um tipo de estabelecimento que atendesse o principal viajante – mas não o único – por séculos neste Estado, bem como o seu negócio: o tropeiro.

À Casa de Pasto era agregado todo serviço que o dono percebesse uma necessidade (ou visse uma oportunidade). A alimentação e o descanso não eram apenas para o tropeiro, mas para os animais também, seu negócio, seu meio de transporte. As Casas de Pasto se tornavam referências, como ponto de encontro de notícias trazidas pelos tropeiros, de negócios, entre um tropeiro e um colono local. A Casa de Pasto não desapareceu, mas sim, modificou-se, modernizou-se. Analisando-as somente enquanto local de alimentação, seu termo foi suprimido pelo 'restaurante', como bem observa Carvalho (2005). Mas por que em Portugal essa nomeação continuaria e, aqui, não? Talvez porque lá seja sua raiz; porque no Brasil, no início da República, via uma necessidade de se modernizar aos moldes da Europa (lê-se França e Inglaterra), isso incluía a língua, os pratos preparados nesses estabelecimentos; e também porque, como já foi dito, no Brasil a Casa de Pasto sofreu variações nos seus serviços.

Analisando a Casa de Pasto enquanto meio de hospedagem, mais uma vez, a palavra foi substituída por outro termo: hotel. O termo hotel foi um termo inventado e logo virou sinônimo de luxo e qualidade nos serviços (Boyer, 2003), mesmo que tal nem sempre estivesse de fato presente. Antes que o luxo e a qualidade nos serviços chegassem ao estabelecimento, a denominação Casa de Pasto já era logo substituído por hotel. O uso do termo hotel aos poucos ia se fazendo presente no estado, principalmente nas cidades onde se notava uma prosperidade econômica e política, a exemplo de Pelotas, que além de porto, possuía o maior número de charqueadas e estabelecimentos comerciais para atender a demanda de comércio e serviços da cidade (Müller & Hallal, 2004).

Finalmente, analisando as Casas de Pasto enquanto meio de hospedagem, local para alimentação e atendimento aos tropeiros e com a variação espaço para atendimento aos seus animais, elas desapareceram/modificaram quando a profissão do tropeiro deixou de ser solicitada, como se procurou apresentar. As casas de pasto, dada as condições e adaptações que ela sofreu, precederiam os hotéis e os restaurantes; seriam um intermediário no campo da hospedagem e da alimentação. No entanto, pensar no Turismo organizado e planejado, tal como o conhecemos hoje, é tão complexo que não faria sentido abordá-lo diretamente dentro de um contexto econômico e social que, então, ainda estava dando os primeiros passos.

REFERÊNCIAS

Acerenza, M.Á. (2002). *Administração do turismo: conceituação e organização*. Bauru, SP: Edusc.

Assumpção, J.E. (2006). A produção charqueadora e a mão-de-obra servil. In: Boeira, N. & Golin, T. (org.). *Colônia*. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. v. 1.). Passo Fundo: Méritos.

Barroso, V.L.M. (2006). O tropeirismo na formação do sul. Golin, T. (org.). *Colônia*. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. v. 1.). Passo Fundo: Méritos.

Beni, M.C. (1998). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Senac São Paulo.

Boyer, M. (2003). *História do turismo de massa*. Bauru, SP: Edusc.

Carvalho, D.A. (2005). *Das Casas de Pasto aos Restaurantes: os sabores da velha Curitiba (1890-1940)*. Dissertação Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, Universidade Federal de Paraná.

- Dall'Alba, J.L. (org.). (1987). *História do povo de Ana Rech*. Caxias do Sul: Educus.
- Dall'Alba, J.L. (1997). *História do povo de Ana Rech: distrito*. Caxias do Sul: Educus.
- DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <<http://www.priberam.pt>> Acesso em 24 Abr. 2011.
- Fernandes, F.; Luft, C.P. & Guimarães, F.M. (1998). *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo: Globo.
- Ferreira Filho, A. (1974). *História geral do Rio Grande do Sul: 1503-1974*. Porto Alegre: Globo.
- Flores, M. (2002). *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Lakatos, E.M. & Marconi, M. de A. (2009). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Lorenzoni, J. (1975). *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina.
- Mollet, C.D.G. (2009). *Entre o trabalho e a correção: escravos e forras na cidade do Rio Grande (segunda metade do século XIX)*. *Revista Aedos*, v.2(4). pp.355-365.
- Müller, D. & Hallal, D.R. (2004). A hospitalidade em Pelotas no século XIX e início do século XX. *Anais... XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Porto Alegre RS. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/121284728332372024331267090527121284728.pdf>> Acesso em 08 Set. 2010.
- Müller, D. (2004). *A hotelaria em Pelotas e sua relação com o desenvolvimento da região: 1843 a 1928*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul.
- Oliveira, V.P. de. (2009). Escravos, marinheiros, embarcadiços e pescadores negros no mundo atlântico de Rio Grande/RS (século XIX). *Anais... 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Disponível em <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/viniciuspereiradeoliveira.pdf>> Acesso em 08 Set. 2010.
- Silva, A.F. da. (2009). *"Meu avô era tropeiro!"*: identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo – Bom Jesus (RS). Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Recebido em 30.04.2014

Revisões em Maio de 2014

Aprovado em 29.06.2014